

RESUMO

A população que vive em comunidades quilombolas enfrenta, no seu cotidiano, diferentes situações que exigem competências para o uso de informações e isso constitui um grande desafio. Isso se deve ao fato de que elas contam com uma infraestrutura informacional incipiente e não foram estimuladas ao desenvolvimento da competência em informação. Dito isso, o objetivo do artigo é apresentar as primeiras ações do projeto BiblioQuilombola, que estão sendo realizadas em Ilha de Maré. O relato descreve o planejamento da aplicação do método da contação de história para promover competência em informação, entre crianças do quarto ano da Escola da referida comunidade. As primeiras inferências desta ação do BiblioQuilombola nos direcionam ao entendimento de que o método da contação de história estimula a promoção e o emprego de competência em informação entre crianças da faixa etária de 8 a 11 anos.

Palavras-chave: BiblioQuilombola. Competência em Informação. Contação de História.

ABSTRACT

The population that lives in quilombola's communities faces, in their daily lives, different situations that require literacy for the use of information and this is a great challenge. This is due to the fact that they have an incipient information infrastructure and do not were encouraged to develop information literacy. That said, the objective of the article is to present the first actions of the BiblioQuilombola project, which are being carried out in the Ilha de Maré. The report describes the planning of the application of the storytelling method to promote information literacy, among children of the fourth year of the primary School of that community. The first inferences of this action of BiblioQuilombola project lead us to the understanding that the storytelling method stimulates the promotion and use of information literacy among children aged 8 to 11 years old.

Keywords: BiblioQuilombola. Information Literacy. Storytelling.

INTRODUÇÃO

Contação de história e competência em informação são duas temáticas recorrentes no campo da Ciência da Informação, entretanto, pesquisas que contemplem ambas temáticas em uma única investigação ainda é diminuta. BiblioQuilombola é um projeto amplo que contempla

¹BiblioQuilombola – congrega projetos contemplados com bolsas de Iniciação Científica (Programa Sankofa - edital 2019/2020), da Universidade Federal da Bahia.

² Universidade Federal da Bahia. <https://orcid.org/0000-0003-2819-1577>

³ Universidade Federal da Bahia. <https://orcid.org/0000-0002-4909-8745>

⁴ Universidade Federal da Bahia. <https://orcid.org/0000-0003-0030-1826>

dois temas aglutinadores - competência em informação e práticas leitoras em comunidades quilombolas. Neste contexto, o objetivo do artigo é apresentar as primeiras ações do projeto BiblioQuilombola, que estão sendo realizadas na Comunidade de Ilha de Maré, localizada em Salvador, Bahia, Brasil. Embora nesta primeira edição, o projeto esteja sendo realizado na referida comunidade, a intenção é multiplicar a ação cooperativa em outras comunidades quilombolas do estado da Bahia, para assim compreender as diferentes dinâmicas das comunidades.

O presente artigo está estruturado em três seções, a contar dessa seção introdutória. Na seção dois, apresenta-se uma breve contextualização acerca de quilombo, seguido do tema competência em informação e expõe-se o material e método da contação de história para promoção da competência em informação. Embora a proposta encontre-se em fase inicial, já é possível visualizar possibilidades de pesquisas que contribuirão para as temáticas investigadas e também para as trocas de saberes entre as comunidades remanescentes de quilombos e a Universidade.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA COMO MÉTODO PARA PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Refletir sobre a promoção da competência em informação a partir da contação de história afro-brasileira é um convite à construção identitária das crianças de comunidade remanescentes de quilombo, que em algum momento de sua vida, muito provavelmente se deparará com a hegemonia branca em um país negro. De acordo com Leite (2008, p. 969), comunidades remanescentes de quilombo refere-se “[...] às áreas territoriais onde passaram a viver os africanos e seus descendentes no período de transição que culminou com a abolição do regime de trabalho escravo, em 1888.” Apesar do tempo de existência, estas comunidades tornaram-se reconhecida após as pressões exercidas pelo Movimento Negro Unificado (MNU) junto aos parlamentares brasileiros, que culminaram no artigo 68, da Carta Magna de 1988 (LEITE, p. 969).

O termo quilombo segundo Arruti (2008) passou por “ressemantizações”, transitando do ícone da repressão ao da resistência, contudo, apesar dos avanços destas comunidades, elas enfrentam problemas de infraestrutura, entre outros, que resultam nas desigualdades sociais. Autores como Alves et al. (2017, p. 81) sinalizam que “essas desigualdades sociais, além de influenciarem negativamente as condições de saúde desse contingente populacional [...] também fazem com que a autoestima da população negra seja fragilizada, enfraquecendo a construção de sua identidade pessoal e étnica”.

Atualmente, o Brasil possui aproximadamente 2.476 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, garantindo para estas comunidades acesso aos programas sociais do Governo Federal (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, [201-]). Entretanto, estas garantias não asseguram serviços como a disponibilização de espaço de leitura com ações que possam estimular práticas leitoras, que possibilitariam a competência em informação de seus membros, tornando-os críticos e atuantes na luta para superar as desigualdades sociais. Em algumas comunidades quilombolas embora existam espaços de leituras, estes não são suficientes, pois, a disponibilização de recursos informacionais (livros, periódicos, textos online, entre outros) não constitui como único elemento propulsor de práticas leitoras e consequentemente de desenvolvimento de competência em informação.

Cavalcante (2018, p. 5) sinaliza que “[...] não adianta somente o acesso ao livro se não houver um convite à leitura, especialmente para os iniciantes dessa aventura, independentemente da faixa etária ou classe social.” Dito isto, concebeu-se o projeto BiblioQuilombola, com objetivo de promover competência em informação em comunidades quilombolas a partir de práticas leitoras, onde os protagonistas são as crianças. Entende-se como práticas leitoras as estratégias - a exemplo da contação de história, leitura compartilhada, narrativas orais, entre outras -, empreendidas para estimular as crianças a experienciarem a leitura de diferentes recursos informacionais.

2.1 Competência em informação

Na sociedade em que se vive, cada vez mais tem-se percebido a necessidade de desenvolver competências para definir as necessidades informacionais, selecionar a informação pertinente e usá-la efetivamente para construção do seu conhecimento, ademais, os sujeitos produzem, disseminam, estabelecem uma relação dialógica, colaboram e compartilham informações em ambientes interativos tradicionais e na *web*. Essa postulação ganha maior sustentação quando se visualiza o quanto a propagação de desinformações (notícias erradas, falsas, incompletas, sátiras) tem se tornado recorrente, impactando na qualidade de vida das pessoas, podendo interferir em seu emocional e psicológico, bem como na credibilidade de sua comunicação interpessoal. Viu-se recentemente as questões aludidas influenciando nos rumos de eleições e escolhas importantes no cenário nacional, tanto no poder executivo, legislativo e judiciário.

Nesta perspectiva, observa-se que organismos internacionais que retratam a temática da Competência em Informação, como a American Library Association (ALA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) têm propalado a relevância de se trabalhar a perspectiva do aprendizado ao longo da vida, como uma das premissas para o pleno desenvolvimento e emprego de competência em informação. Isso decorre da ideia de que o sujeito social tem responsabilidade na criação de novos conhecimentos, assim como na dinâmica da compreensão informacional e seu uso dentro de um contexto específico (ALA, 2016).

Há, portanto, a necessidade emergente de trabalhar a temática em realidades empíricas distintas, para que se possa compreender a Competência em Informação nessas especificidades de fluxo informacional. Em vista disso, aventamos que a contação de história desponta como uma possibilidade de promover o desenvolvimento de competências com crianças que vivem em situação de vulnerabilidade. Nessa direção, Santos (2015), Santos e Barreira (2018, 2019) e Santos, Rodrigues e Souza (2019) tem desenvolvido pesquisas objetivando emergir resultados que tem denotado o quanto a competência para uso informacional contribui para a formação cidadã dos sujeitos, que ao ter consciência dos seus direitos e deveres são protagonistas naqueles ambientes.

Santos e Barreira (2018) trouxeram à tona o quanto o sujeito competente em informação consegue construir conhecimento, na medida em que acessa efetivamente o cabedal de informações de que necessitam para tal. Percebe-se, portanto, que na realidade desse estudo ora mencionado, os fluxos informacionais nos espaços rurais podem contribuir para que logrem êxito em sua lida com a lavoura. Diante dessa realidade, se torna ímpar desenvolver pesquisas que busquem espelhar essas questões em campos empíricos onde há situações visíveis de vulnerabilidade socioeconômicas, uma vez que homens e mulheres, em seu papel cidadão, faz valer os seus direitos e deveres, orientado pelo acesso e uso efetivo da informação, dando ênfase

a sua voz autônoma e empoderada, reconhecendo-se individualmente e coletivamente na sociedade como a figura da mudança.

Nesta linha de pensamento, Freire (1987), salienta que o ser humano por natureza é inacabado, assim sendo, necessita buscar todo o tempo, com vistas a resolver problemas corriqueiros de sua vida em sociedade, logo, desenvolve e emprega competências na mesma medida. Contudo, para que isso ocorra de maneira exitosa, é preciso estimular a curiosidade, já que o ser humano ao perceber a necessidade de algo que o instiga, certamente irá buscar e desbravá-lo, acessando, assim, materiais informacionais. Por isso, apresenta-se uma estrutura de ações para o uso do método da contação de história, com vistas a um processo educativo que promova a competência em informação entre crianças.

Defendemos, portanto, que o sujeito da competência em informação é histórico e social e, sendo assim, desenvolve não só as chamadas competências técnicas, mas capacidades diversas que estão inclusas em um processo de aprendizagem ao longo da vida. Nesse sentido, o conceito de competência em informação relaciona-se com a descoberta reflexiva da informação, onde os sujeitos desenvolvem consciência crítica e, assim, conseguem prover mudanças em contextos diversificados aos quais estão inseridos, de modo que viabilize transformações singulares e plurais, ou seja, próprias e no âmbito social em que (con)vive. Ressalta-se, contudo, que esse alargamento conceitual para além do viés tecnicista já foi ressaltado por Elmborg (2006), assim como pela *Framework for Information Literacy for Higher Education* (ALA, 2016) – elaborada por uma comissão de especialistas da área oriundos de diversos países – e por Tewel (2018).

2.2 Materiais e método

Antes de adentrarmos no método propriamente dito, é oportuno sinalizar o processo de idealização e concepção do projeto BiblioQuilombola. Ele congrega dimensões teóricas e práticas que envolvem a Competência em Informação e Práticas Leitoras em Comunidades Quilombolas. O nome BiblioQuilombola originou-se de pesquisas individuais das pesquisadoras que coordenam o projeto, que já vinham desenvolvendo suas investigações sobre as referidas temáticas. Hoje, a equipe reúne pesquisadores, profissionais da Biblioteconomia e estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes campos científicos. As reuniões iniciaram no mês de junho de 2019, semanalmente, para discussão de textos que subsidiassem o planejamento das ações em cooperação com a comunidade quilombola de Ilha de Maré. Concomitante a isso, deu-se início à incursão no campo, onde realizou-se reuniões e entrevistas exploratórias, com a finalidade de conhecer o espaço de investigação. O primeiro contato com a escola nos conduziu a compreensão do modo com o qual as crianças da comunidade acessam recursos informacionais no seu cotidiano dentro e fora do ambiente de aprendizagem formal. Esses e outros elementos se mostraram relevantes para se discutir, contudo, nesse artigo, daremos ênfase ao uso da contação de história com as crianças, na faixa etária de 8 a 11 anos, como método para promover competência em informação.

Destaca-se que entre idas e vindas ao campo, sentiu-se a necessidade de elaborar uma identidade visual que representasse conceitos chaves como comunidade, informação, memória e cidadania. Sobre a logomarca, a teia no cérebro humano representa a rede de cooperação entre os membros da comunidade quilombola e os pesquisadores, bibliotecários e estudantes de graduação em cursos diversificados (Biblioteconomia, Letras, Secretariado Executivo, Pedagogia, dentre outros) e pós-graduação envolvidos no projeto, pois, acredita-se que ações em comunidades envolve troca de saberes tradicionais e científicos, portanto, requer uma equipe multidisciplinar. Além disso, a teia assim como o livro, representam recursos informacionais

para as práticas leitoras, que podem viabilizar a promoção de competência em informação (Figura 1).

Figura 1 – Logomarca do Projeto BiblioQuilombola



Fonte: BiblioQuilombola (2019).

As crianças participantes da ação, a priori, são aquelas que cursam o 4º ano do fundamental I. E para delimitar o caminho metodológico que norteariam as atividades, considerou-se diversos aspectos que perpassam pela estrutura do ambiente onde vivem as crianças e suas famílias, a vivência no ambiente escolar e no contexto comunitário. A seguir, detalhamos as seis etapas do percurso metodológico:

A **primeira etapa**, momento em que a equipe buscou subsídios para compreensão das reais necessidades de informação das crianças, para que fosse possível desenvolver suas aptidões. Para isso, dialogou-se com a diretoria, professores e outros membros da equipe da unidade escolar e líder da comunidade, como também se recorreu a observações com registros em diário de campo.

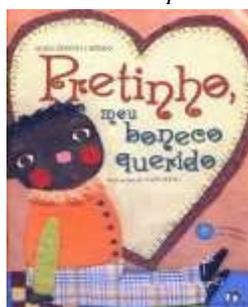
Na **segunda etapa** selecionamos textos da literatura afro-brasileira para ser trabalhados, por retratarem temas que se aproximam da cultura e identidade da população participante da investigação. São, portanto, fontes informacionais que são pertinentes para aquele contexto. As obras *Rainhas* (2018), de Ladjane Alves de Sousa (Figura 2), e *Pretinho, meu boneco querido* (2008), de Maria Cristina Furtado (Figura 3), são exemplos de tal eleição.

Figura 2 – Capa do livro *Rainhas*



Fonte: Sousa (2018)

Figura 3 – Capa do livro *Pretinho, meu boneco querido*



Fonte: Furtado (2008)

Assim, na **terceira etapa** foi preciso compreender e sintetizar as informações que foram previamente eleitas, para organizá-las de modo estruturado para a contação. O livro *Rainhas* relata o cotidiano de Raiza, menina esperta e que tem traços afro-brasileiros. Ela se ocupa com os cuidados para com os seus irmãos. A autora apresenta em sua narrativa duas vizinhas – Dona

Zezé e dona Mirinha, que “passa os olhos” nas crianças dos vizinhos, enquanto suas mães precisam trabalhar. Dona Mirinha é carinhosamente chamada por Raiza como: “Dona Mirinha, minha rainha”, que responde automaticamente: “rainha todas nós somos”. Nesse recorte do texto a narrativa da autora apresenta evidências de autovalorização, pertencimento e identidade para aqueles que vivem em comunidades.

Esta realidade é bem próxima com a vivida por algumas crianças da comunidade em estudo, onde muitas mães precisam sair para trabalhar. A comunidade está localizada na Baía de Todos os Santos, região paradisíaca, cuja forma de acesso é exclusivamente através de barco e depende das condições climáticas, por questão de segurança. Os/As moradores/as da comunidade em sua grande maioria recorrem as atividades seculares como a mariscagem, a renda de bilro, a culinária à base dos frutos do mar e a pesca para sustentar suas famílias. Em geral, as mulheres saem para a mariscagem e deixam filhos e filhas em casa sob a responsabilidade de descendente mais velho ou de vizinhos.

No livro *Pretinho, meu boneco querido*, a autora propõe reflexões acerca do preconceito étnico-racial. Nininha, uma criança negra, que é presenteada em seu aniversário de oito anos com um boneco negro chamado Pretinho. Segundo Nininha, seus bonecos são seus amigos, pois brincam e falam com a protagonista da história. A narrativa revela um cenário de preconceito vivenciado por Pretinho, possibilitando uma ampla discussão acerca da identidade negra que, de acordo com Franco et al. (2017, p. 69), é “[...] um processo construído historicamente em uma sociedade que ainda sofre discriminação.”

Após o conhecimento das referidas histórias, foi possível na **quarta etapa**, avaliar e admitir a pertinência delas para resolver algumas das demandas informacionais das crianças envolvidas no projeto. A atemporalidade dos temas narrados pelas autoras nos remete a reflexão de Caldin (2003) acerca da “experimentação de mundo” que a literatura infantil contemporânea proporciona as crianças. Para o autor, “[...] as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura.” (CALDIN, 2003, p. 51). Ao recorrer aos temas como convívio familiar, referência da mulher negra no contexto família e preconceito, evidenciados pelas autoras dos livros, tínhamos a pretensão de estimular entre as crianças questionamentos e reflexões que muitas vezes são velados entre eles. Essas ações são indispensáveis para que consigam empregar competência em informação.

Na **quinta etapa** objetivou estimular as crianças para produção de conteúdos a partir da contação dos temas disparadores. Para o livro *Rainhas*, optamos por um desenho que representasse o que mais chamou atenção da criança na história. Para tanto, selecionamos recursos tradicionais, quais sejam: lápis, papel, lápis de cor e borracha. Quanto ao livro *Pretinho, meu boneco querido*, decidimos pela concepção de esculturas com material reciclável. Ao recorrer aos desenhos e escultura pretendíamos também que as crianças externassem seus conhecimentos e sentimentos dos temas discutidos. No caso específico dos desenhos, Silva et al. (2010, p. 98-99) esclarece que, o papel “[...] passa a ser uma superfície na qual a criança expressará o que vive diariamente, ou seja, expressará a alegria, a tristeza, os passeios que mais interessaram, a dinâmica familiar (inclusive os conflitos vividos dentro de casa)”. Embora no contexto dessa pesquisa a análise semiótica não seja o foco da pesquisa, mas pode apontar algumas pistas para compreender possíveis temáticas para inserir nos temas disparadores.

Por fim, a **sexta etapa** consistiu no momento em que convocamos as crianças a mostrar os seus desenhos e/ou esculturas aos colegas, para que eles pudessem estabelecer uma relação dialógica e, então, tecer opiniões sobre o trabalho dos companheiros. Após isso, seriam estimulados a falar um pouco sobre o que foi desenhado e/ou esculpido. Assim, houve a

possibilidade de ver como as crianças conseguiam compartilhar as informações por elas produzidas, de modo que compreendessem os significados delas em sua vida.

3 NOTAS (IN) CONCLUSIVAS

As notas (in)conclusivas referem-se ao fato de que, embora tenhamos algumas constatações iniciais, a prática do projeto em Ilha de Maré ainda está em curso. Entendemos, destarte, que a educação para competência em informação deve envolver uma descoberta reflexiva, consciente e crítica da informação e a sua aplicabilidade na vida do sujeito em suas singularidades e dentro de uma estrutura social.

Cientes disso e alinhadas aos preceitos da ALA sobre essa questão, as pesquisadoras/coordenadoras do projeto BiblioQuilombola desenvolveram, junto à equipe, uma estrutura de ações, para que efetivamente pudessem viabilizar esse decurso para as crianças, levando em consideração todos os aspectos inerentes a vida delas e isso inclui faixa etária, contexto familiar, escolar e comunitário.

Destaca-se que a programação da referida estrutura das ações, acionou o emprego de competência em informação dos profissionais, pesquisadores e estudantes, na medida em que se considerou: Etapa 1 - a necessidade informacional, Etapa 2 – as fontes de informação, Etapa 3 – a compreensão, síntese e organização da informação, Etapa 4 – a avaliação, Etapa 5 – a produção de conteúdo e, por fim, a Etapa 6 – disseminação, relação dialógica, colaboração e compartilhamento de informação.

Os resultados da contação de história, para além dos dois exemplos aqui elucidados (*Rainhas e Pretinho, meu boneco querido*) direcionam ao entendimento de que é um método que se mostra eficiente e eficaz para promover a competência em informação entre crianças da faixa etária em questão. Isso porque a efetivação das ações programadas nos conduzem a essa elucubração.

Como epistemologia didática e pedagógica, nos inspiramos na teoria de Freire (1987), por isso nas contações, que ocorrem em encontros quinzenais, sempre se inicia com questionamentos, com a finalidade de estimular a curiosidade das crianças pela história e para que eles possam identificar elementos informacionais que compõem o livro. Para além dessa ação, eles visualizavam a capa e começavam a pensar em elementos da sala (decorada com elementos identitários) que retratem a história. Tais ações relacionam-se com descoberta da necessidade informacional e fontes de informação que complementam os dados da capa.

Durante as primeiras contações, percebeu-se que as crianças se envolvem efetivamente na atividade e a sua cognição viabiliza que consigam compreender a história, a partir do estabelecimento das relações do texto com elementos concretos de sua vivência. E assim, sintetizam, organizam e avaliam a informação de modo que, conseguem, produzir desenhos/esculturas que retratem algum fragmento da história que tenha lhe chamado atenção. As produções sempre retratam homens e mulheres negras; vizinhas; família; jegue; frutos do mar; árvores e mar. Percebe-se, portanto, que tais conteúdos convergem elementos da história contada e outras inerentes ao seu cotidiano.

Ao mostrar as produções aos colegas, percebeu-se, que estabeleceram uma relação dialógica, de colaboração e compartilhamento entre eles. Nessa ocasião, vieram diversos elogios: “massa”, “bonito”, “olha que decente”, referindo-se a beleza das referidas produções. E, para encerrar o encontro do dia, eles se presenteiam com tais produtos oriundos da atividade.

Conclui-se que as crianças se mostraram engajados na proposta do projeto e que mantem uma relação de cooperação durante todo o processo, impulsionados pela metodologia adotada

pela equipe. Portanto, a contação de história contribui para a promoção e emprego de competência em informação, na medida em que, as crianças são estimuladas a desenvolver a consciência crítica e reflexiva acerca do contexto informativo abordado na referida contação e conseguem produzir sentidos a partir disso. Destaca-se, contudo, que esse artigo não pretendeu abordar todas as nuances do projeto BiblioQuilombola, atualmente em ação na comunidade de Ilha de Maré e, portanto, outras publicações virão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Thais de Andrade *et al.* Identidade étnica: percepção de adolescentes quilombolas. *Revista Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 19, n. 1, p. 79-92, jan./jun. 2017.

ASSOCIATION OF COLLEGE E RESEARCH LIBRARIES (ALA). *Framework for Information Literacy for Higher Education*. 2016.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. *In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio (org.). Raça: novas perspectivas antropológicas*. 2. ed. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: Edufba, 2008. p. 315-350.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 47-58, 2003.

CAVALCANTE, Lidia Eugenio. *Mediação da leitura e formação do leitor*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

ELMBORG, James. Critical Information Literacy: Implications for Instructional Practice. *Journal of Academic Librarianship*, Ann Arbor, v. 32, n. 2, mar. 2006

FRANCO, Liane Maria Gonçalves *et al.* Literatura: contação de história com ênfase na cultura afro-brasileira. *Revista Unila: Extensão e Cidadania*, Foz do Iguaçu, n. 1, p. 62-71, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Apresentação*. [201-]. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em: 14 mar. 2019.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 965-977, 2008.

SANTOS, Jaires Oliveira. *Competência em informação dos egressos do curso de Biblioteconomia: uma análise na região Nordeste do Brasil*. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SANTOS, Jaires Oliveira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa. A competência em informação e a construção de conhecimento em comunidades rurais. *In: ENCONTRO*

NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 19., 2018, Londrina. *Anais* [...]. Londrina: UEL, 2018.

SANTOS, Jaires Oliveira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa. O bibliotecário do Nordeste Brasileiro: elucubrações do processo de aprendizagem e da competência em informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 237-250, 2019.

SANTOS, Jaires Oliveira; RODRIGUES, Kátia de Oliveira; SOUZA, Larissa de Lima. Atuação do bibliotecário frente as fake News. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO. 14., 2019, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: Edufba, 2019.

SILVA, Elizangela Aparecida da *et al.* Fazendo arte para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. *Pedagogia em ação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2020.

TEWELL, Eamon C. The Practice and Promise of Critical Information Literacy: Academic Librarians' Involvement in Critical Library Instruction. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 79, n. 1, p. 10, 2018.